

(IN)SATISFAÇÃO NA RELAÇÃO DO PROFESSOR/ALUNO E OBJETO DE CONHECIMENTO

Dayanna A. do Nascimento¹
Maria Núbia S. dos Santos²
Sandra Patrícia Ataíde Ferreira³

RESUMO. Objetivou-se analisar os fatores de satisfação e insatisfação do professor e do aluno na interação com o objeto de conhecimento que é ensinado e aprendido. Realizou-se um estudo de caso, utilizando-se de observações e entrevistas semiestruturadas com alunos do 6º ano e com a professora da turma, de uma escola Estadual de Referência, em Recife. Utilizou-se como procedimento analítico a Análise de Conteúdo Temática, e foram desenvolvidas duas temáticas: (i) Fatores que promovem a (in)satisfação do professor/aluno em sala de aula; (ii) Afetividade na relação professor/aluno e objeto de conhecimento. Os resultados apontam como satisfação da professora os recursos utilizados para trabalhar o objeto de conhecimento, juntamente com o acompanhamento da evolução de seus alunos, e como a insatisfação, a prova como instrumento avaliativo. Já para os alunos, a satisfação com o objeto de conhecimento se dá através da relação dos conteúdos com os aspectos do dia a dia em sala de aula e a insatisfação refere-se à rotina rígida e às brigas que há na sala de aula.

Palavras-Chave: (In)satisfação do professor/aluno, Interações afetivas, mediação de conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos em sala de aula nos remetemos à ideia de um professor, diversos alunos e conteúdos escolares, que estarão presentes em nossa memória por toda nossa vida. Desta forma, no espaço escolar, o professor incorpora o papel fundamental desse “tripé” e para que haja uma aprendizagem, este profissional precisa ser tratado como mediador de conhecimentos no processo educacional. Esta concepção encontra-se presente em nosso consciente e inconsciente, pois enxergamos neste profissional a responsabilidade por essa mediação de conhecimento e pela busca por uma educação de qualidade que, por muitas vezes, de acordo com as situações propostas pelo nosso sistema de educação, acaba

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. dayanna_bebe@hotmail.com

² Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. nubiasantos@outlook.com

³ Professora Associada do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido orientadora das autoras deste artigo. tandaa@terra.com.br

gerando a satisfação/insatisfação do docente, podendo desta maneira, interferir na mediação do processo de aprendizagem.

A aprendizagem é um processo global, que não se restringe apenas aos conteúdos escolares e disciplinas curriculares, pois engloba as competências, habilidades, comportamento ou valores que são adquiridos ou modificados com o resultado de experiências, estudo, formação, observação e raciocínio (DANTAS, 1992). Desta forma, ela também é obtida através do processo de mediação na qual encontramos o professor como responsável. Esta aprendizagem acontece em um processo dinâmico, determinando uma mudança que vai de acordo com a necessidade do sujeito, de sua motivação e do prazer em adquirir conhecimentos que o deixe gratificado, uma vez que há uma dimensão afetiva entre o professor, aluno e o objeto de conhecimento. De acordo com Dantas (1992, p.85), que assume uma perspectiva Walloriana, “A dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Logo, destaca-se a importância da relação professor/aluno para a construção do conhecimento e no processo de aprendizagem.

O ambiente de sala de aula permite a relação afetiva entre o professor/aluno porque o convívio diário e as interações entre eles fazem com que se desenvolva esse tipo de relação, mesmo que esta não esteja identificada pelo professor ou pelo aluno. Quando essa relação não é identificada, acaba dificultando o envolvimento dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, o qual, muitas vezes, está associado ao bem estar social das pessoas que ali se encontram, pois os fatores estruturais, econômicos, valorização docente, acabam gerando movimentos de satisfação/insatisfação movendo esta relação (LEITE, 2006).

Segundo o dicionário (Aurélio), a definição dada para satisfação é de prazer resultante daquilo que se espera ou se deseja, ou seja, o prazer sobre o que você faz, podendo essa definição ser confundida com o significado da motivação, que, para Dessler (2001), refere-se à intensidade do desejo de uma pessoa para se engajar em uma atividade. Deste modo, muitos docentes quando escolhem sua profissão não estão visando ao bem estar social, mas, sim, ao salário, à carga horária e outros fatores, sem pensar que fazer o que não satisfaz acaba gerando uma insatisfação, acarretando no mau desenvolvimento do trabalho docente. Quando fazemos o que nos satisfaz, ultrapassamos as barreiras existentes, buscamos uma realização dos alunos, fazendo a diferença, ajudando-os a desenvolverem seus potências, voltados para uma qualidade de vida, superando suas próprias expectativas. Por essa razão, a prática educativa precisa ser vivida com afetividade, alegria e satisfação, como aponta Freire (2000, p. 161) ao afirmar que: “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade

científica, domínio, técnica a serviço da mudança ou lamentavelmente, da permanência do hoje”.

Na literatura da área, um dos autores que define o que é satisfação é Loke (1976, citado em MARTINEZ, 2002, p. 10). Para ele, esta pode ser definida como “Um estado emocional positivo ou de prazer resultante de um trabalho ou experiências de trabalho”, e possui dois fenômenos: o da alegria (satisfação) e o do sofrimento, desprazer (insatisfação).

Na perspectiva de satisfação e insatisfação na relação do professor/aluno com objeto de conhecimento, a mediação do professor é considerada um fator importante para determinar o processo de ensino-aprendizagem, pois seu comportamento e o processo de inter-relação afeta cada aluno, através de suas intenções, sentimentos, valores e desejos. Gil (1995, p.19) cita que é através da aprendizagem que estaremos resolvendo nossos problemas, sendo assim, é necessário que haja a identificação do professor com o aluno para que possa acontecer a transformação no nosso modo de vida, de se relacionar com as pessoas, a qual está relacionada ao processo educativo.

O interesse pelo tema da satisfação/insatisfação na relação do professor/aluno e objeto de conhecimento surgiu a partir das experiências realizadas nas observações feitas nas disciplinas de Pesquisas e Práticas Pedagógicas (PPP) ocorridas ao longo do curso, nas quais nos deparamos com a dificuldade de relacionamento entre o professor/aluno, que se caracterizava por uma afetividade negativa, impossibilitando que o processo educativo aconteça de forma eficaz, pois alguns fatores existentes, como, por exemplo, a falta de valorização do educador, ocasiona uma desmotivação, caracterizada, muitas vezes, por um baixo rendimento dos alunos. Logo, isto nos fez refletir sobre o quanto é importante estarmos ligados/identificados com nossos alunos em sala de aula, para que possamos ensinar e aprender com eles. Além disso, a relação afetiva entre professor/aluno traz um papel decisivo no sucesso da aprendizagem escolar, a qual nos ajudou a entender que a afetividade e a prática pedagógica acontecem juntas, pois sala de aula não é apenas um local de transmissão de conhecimento, mas é necessário que aconteça uma interação entre as pessoas.

Assim, este estudo pretende contribuir com uma reflexão sobre a relação afetiva professor/aluno, transpassada pela (in)satisfação e suas implicações com o objeto de conhecimento. A partir do levantamento da literatura nacional nos sites de busca da Capes e Scielo, considerando o intervalo de tempo de 2010 a 2014, verificou-se a existência de vários estudos que discutem esta temática, a exemplo dos trabalhos de Silva (2011), “O professor do 6º ano e suas concepções sobre afetividade: efeitos na prática docente na aprendizagem”; de Herculano (2011), “Afetividade na relação professor-aluno significados sob o olhar do

professor do ensino médio”; de Costa (2012), “Professora também sente: significados e sentidos sobre a afetividade na prática docente”; de Barbosa (2011), “Professor e aluno em interação num espaço conversacional: um estudo de caso”; de Silveira (2012), “Motivação do professor como ferramenta alavancadora da qualidade de ensino”, e de Alves (2012), “Satisfação e situação profissional: um estudo com professores nos primeiros anos de carreira”. É importante destacar que, no site citados anteriormente, não encontramos pesquisas relacionadas a este tema, referentes aos anos de 2013 e 2014. Porém, este trabalho pretende abordar os fatores de (in) satisfação que interferem na relação afetiva professor/aluno, de modo a contribuir com um olhar humano quanto à expressão de uma afetividade positiva no processo ensino-aprendizagem, a qual se mostra desconhecida para muitos dos indivíduos que compõem o contexto de sala de aula.

Desta forma, busca-se responder as seguintes questões: que fatores geram (in)satisfação na relação professor aluno e objeto de conhecimento em sala de aula? Que fatores interferem na satisfação dos professores em sala de aula? Tem-se, então como **objetivo geral**, analisar os fatores de satisfação e insatisfação do professor e do aluno na interação com o objeto de conhecimento que é ensinado e aprendido; e como os **objetivos específicos**: (i) conhecer os fatores que favorecem uma relação de (in) satisfação do professor com o objeto de conhecimento que ensina; (ii) identificar os fatores relacionados à prática pedagógica do professor que geram (in) satisfação na relação do aluno com o objeto de conhecimento que ele ensina; (iii) analisar as interações entre professor, aluno e objeto de conhecimento em sala de aula.

Conhecer as questões afetivas, satisfação/insatisfação do professor/aluno na relação com o objeto de conhecimento é de suma importância e relevância social, pois permite refletir sobre os fatores que geram insatisfação para buscar evitá-los dentro do âmbito escolar. Isto, para buscar respostas de como proceder com as situações vivenciadas em sala de aula, sendo indispensável que o professor tenha uma relação amadurecida com suas escolhas, pois somos um referencial pessoal e pedagógico para os alunos.

2. MARCO TEÓRICO

As teorias, definições e fundamentações expostas nas seções seguintes demonstram a base para a construção desta pesquisa. Nelas, vamos encontrar uma forma de

expor informações sobre a satisfação e insatisfação dos profissionais da educação, bem como a relação entre a afetividade e cognição no processo de construção de conhecimento.

2.1 Satisfação e insatisfação do profissional da educação

Os profissionais da educação são trabalhadores importantes na sociedade, contudo são os que mais sofrem com o desgaste físico, psicológico e emocional. O sentimento de insatisfação do professor com os fatores externos à sua ação pedagógica, tais como, falta de condições materiais e físicas, gera falta de entusiasmo pelo trabalho, o que contribui no aprofundamento de uma crise de identidade profissional (JESUS, 2005)

A satisfação do profissional da educação se dá no convívio com os alunos através de experiência que o levam a crescer em destreza, entendimento e atitudes. Podemos afirmar que a noção de satisfação docente é complexa, encontrando, para, além disso, uma quantidade quase infinita de fatores responsáveis pela insatisfação docente no trabalho, dentre estes fatores encontram-se os salários inadequados, o baixo *status* social da profissão (que inclui o mau comportamento dos alunos e as poucas oportunidades para progredir) e o excesso de trabalho a ser realizado em pouco tempo. (JESUS, 2005)

Podemos também relatar que a satisfação no trabalho pode gerar consequências tanto para o indivíduo como para a instituição, afetando aspectos comportamentais e a saúde física e mental do trabalhador.

De acordo com Gonçalves (1995), a satisfação profissional pode ser encarada como uma atitude global ou então ser aplicada a determinadas partes do cargo ocupado pelo indivíduo. Neste sentido, Nerther e Davis (1983) referem-se que “a satisfação no cargo é uma parte da satisfação na vida” (p.308). O ambiente fora do trabalho influencia também os sentimentos do indivíduo no trabalho, e a satisfação profissional influencia da mesma forma o sentimento da satisfação global com a vida.

O conceito de satisfação dos profissionais da docência é apresentado, por vários especialistas, como um sentimento e forma de estar positivo perante a profissão, que é manifestada pela dedicação, defesa e até felicidade perante a profissão (ESTRELA, 1997). Quando isso não é alcançado, podemos dizer que teremos uma insatisfação da profissão docente.

Kumar e Mutha (1978) referem que “a satisfação/insatisfação para com a docência depende da positiva ou negativa avaliação do sucesso ou insucesso pessoal na realização dos objetivos pessoais e do real contributo para essa realização” (p.83). Essa (in)satisfação do

trabalho docente também pode ser observada no sucesso/insucesso dos alunos, pois constitui um relevante fator de motivação tanto para os mestres quanto para o educando. Como afirmam Pedro e Peixoto (2006):

[...] esses sentimentos de insatisfação e mal-estar docente afetam não só professores mas também os alunos, pois o desinvestimento e a falta de motivação dos professores contribui diretamente para o desinteresse dos alunos na sala de aula e para a menor qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Relativamente ao setor relacional, ganha particular importância a interpessoalidade professor/aluno(s) e professor/colegas. A relação professor/alunos nem sempre se caracterizou pela compreensão e empatia desejáveis ao processo de ensino-aprendizagem, verificando-se antes situações ou ambientes de algum atrito e confronto. No que diz respeito à relação professor/colegas, consideramos que há muito a fazer, pois é visível que os professores se individualizam, o que influencia negativamente a partilha ou a troca de experiências pedagógicas e humanas, com prejuízos para as relações afetivas. A docência satisfeita gera uma relação afetiva positiva entre as pessoas que desempenham papéis fundamentais no processo educacional.

2.3 A afetividade em sala de aula: a relação professor-aluno-objeto de conhecimento

Quando pensamos em afetividade, levantamos a questão do afeto voltado para o carinho, o apego e o amor, entre outros significados, jamais associando a aspectos que ajudarão na evolução dos seres humanos. A psicologia traz uma definição de afetividade como a capacidade de experimentar fenômenos afetivos (sentimentos, emoções, tendências, paixões), que irão transparecer nos indivíduos como caráter, tendo um papel fundamental na aprendizagem, pois estará presente durante todo o percurso de nossas vidas, influenciando no processo cognitivo (VALLE, 2005).

Portanto, ressaltamos três principais teóricos da psicologia que trazem uma definição de afetividade: Jean Piaget (1896-1980) reconhece a afetividade como agente motivador da cognição; Vygotsky (1896-1934) trata a afetividade como um componente que integra o aspecto cognitivo, concebendo-os como indissociáveis, ou seja, que não se separam; Wallon (1879-1962), ao estudar o desenvolvimento da criança, não coloca a inteligência como o principal componente daquele, mas defende que a vida psíquica é formada por três

dimensões: motora, afetiva e cognitiva, que coexistem e atuam de forma integrada. É nesta última perspectiva que este trabalho se ancora.

A afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana. Sendo assim,

a afetividade é definida como: O conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões acompanhados sempre de impressão de dor, prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza (VELTHUIS; FERREIRA, 2004, p. 140)

As relações afetivas apresentam características que aparecem através da convivência no mundo em que vivemos, seja na relação da família, na comunidade, na escola, na relação com os alunos e com o professor.

Dantas (1992), que traz uma perspectiva Walloriana, informa que afetividade é uma das dimensões que se desenvolvem, e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o sujeito exterioriza seus desejos e suas vontades. As transformações fisiológicas de uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade. A raiva, a alegria, o medo, a tristeza têm funções importantes na relação da criança com o meio; a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, pois é altamente orgânica. Logo, nessa teoria, acredita-se que a afetividade é um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo. Nesta perspectiva, é mister começar a investir um pouco mais na relação afetiva professor-aluno, pois a afetividade e

o desempenho escolar andam de mãos dadas, alimentando-se mutuamente. Se a criança, ao entrar na escola, já carrega consigo uma boa autoconfiança, acreditando-se capaz de se sair bem diante das dificuldades, aquele espaço não chegará a lhe causar temor. Será apenas um desafio vivenciado com tranquilidade (MOYSÉS, 2003, p.39).

Para fazer e entender o processo educativo é necessário repensar as práticas pedagógicas dos professores no interior da sala de aula, pois elas precisam possibilitar ao alunado o desenvolvimento potencial e humano, deixando claras as possibilidades de ação no meio para que, a partir dessas ações, possam construir conhecimentos.

A construção do conhecimento em sala de aula não deve se deter ou centrar-se apenas no conteúdo através da transmissão-assimilação do conteúdo, mas sim, em uma interação entre eles, em uma prática pedagógica que haja diálogo e cooperação, fazendo com que um aprenda com o outro, criando estratégias de aproximação para alcançar o objetivo principal que é a construção do conhecimento. A utilização de estratégias faz com que a rotina se torne diferenciada, favorecendo múltiplas aprendizagens, além de deixar os alunos ativos e participativos de todo o processo e, com isso, tornado-se uma relação afetiva positiva entre professor/aluno (SANTOS, 2006).

O conhecimento é construído através da metodologia do professor, da proposta que ele leva para os alunos, da atividade verbal, construindo sentidos do porque aprender, que vai desde o diálogo em sala de aula ao texto escrito e das experiências vividas no dia-a-dia. A construção do conhecimento acompanha todos os seres humanos a partir do momento que começam as mediações sociais. No processo ensino-aprendizagem, o fator emocional atrelado ao cognitivo e vice-versa, proporciona ranços ou avanços para os alunos na grande aventura de conquistar uma visão de mundo através de sua própria autonomia e forma de agir (MAHONEY, 2005).

Sendo assim, o estabelecimento de vínculo afetivo na relação professor/aluno propicia ao aprendiz segurança para explorar o meio, ampliando gradativamente suas conquistas cognitivas. Velthuis e Ferreira (2004, p.141) afirmam que a “Afetividade é se preocupar com seus educandos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus. Enfim, aceitá-los em suas nuances e respeitá-los”.

Nesta perspectiva, a aprendizagem e o diálogo entre o professor e o aluno só acontecem, de fato, quando for executada uma ação educativa que privilegie conteúdos significativos, trabalhados a partir de funcionalidade e de afetividade, intencionando despertar o desejo de aprender e aguçar o estreitamento de laços afetivos.

Leite (2006) afirma que a figura do professor é fundamental para o processo educativo, no qual sua figura estará apresentada ora como “professor inesquecível”, que é admirado pelos seus alunos, conseguindo fazer com que aprendam de forma significativa; ora como o “professor chato” cujas aulas não trazem nenhum incentivo. Destacando que a relação afetiva extrapola os limites das relações epidérmicas, produzindo resultado em sala de aula, refletindo não só nos aspectos cognitivos e intelectuais para a aprendizagem.

Tassoni (2000) declara que no decorrer do desenvolvimento o vínculo afetivo presente na relação mãe-pai-filho amplia-se para a figura do professor, corroborando com

Silva (2006) que afirma

O professor é, tanto quanto os pais, um modelo de identificação para os alunos. Como uma mãe o professor precisa olhar todos os seus alunos (filhos) individualmente. Tentar compreendê-los de tal modo que seja possível trilhar o melhor caminho sobre o que dizer a cada um deles e por que os conhece, isto é, por que os observa, cuida das suas crianças. Como um pai que ocupa a posição de responsabilidade, o professor atua com o objetivo de fazer com que os direitos e deveres sejam compreendidos e seguidos.

A relação professor/aluno é permeada de afetividade, que ajuda ou dificulta o interesse desses sujeitos de estarem no espaço escolar, onde recebem, através do processo ensino-aprendizagem, embasamentos para o processo de formação e socialização. No entanto, uma relação afetiva pode ser confundida, ocasionando a falta de limites entre o aluno e o professor, ultrapassando as barreiras de intimidade, gerando um constrangimento e provocando o fim desta relação. Velthuis e Ferreira (2004), em uma perspectiva Freiriana, diz-nos que “ninguém aprende ou constrói nada no meio do caos. As aulas devem ser estimuladas, mas disciplinadas, ajudando a constante formação do educando”.

3. METODOLOGIA

O caminho metodológico percorrido neste estudo abrangeu características da pesquisa qualitativa, que como diz Minayo (2002, p. 21-22)

[...] responde a questões muito particulares, que se preocupam com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Optamos pela abordagem qualitativa por ser o caminho investigativo que permite a compreensão do fenômeno a partir do contexto no qual foi construído, em uma dimensão integradora, em que os dados são coletados a partir de interações sociais ou interpessoais, tendo como objetivo traduzir e expressar o sentido do fenômeno, reduzindo a distância entre indicador e indicado, entre a teoria e os dados que são coletados.

Para tal, foi realizado um estudo de caso que, como afirma Yin (1989, p. 23), “[...] é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.

Ainda referente ao estudo de caso, André (2005) define as estratégias que são utilizadas no processo de análise, dividindo-as em três fases: a primeira, exploratória, consiste em um contato direto do pesquisador com o fato investigado para que seja definido o caso, os procedimentos de localização dos sujeitos, bem com a definição dos procedimentos e instrumentos de coleta de dados; já a segunda e terceira estratégias, caracterizam-se pela coleta e a análise dos dados.

Assim, a pesquisa aconteceu em uma escola pública Estadual de Referência, localizada na região metropolitana de Recife, na zona sul da cidade, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, tendo como participantes a professora da disciplina de Língua Portuguesa e seus respectivos alunos.

Utilizamos a observação e a entrevista. As cinco observações realizadas teve como objetivo conhecer como acontece o processo de satisfação e insatisfação do professor/aluno na relação com o objeto de conhecimento. Esta ocorreu em sala de aula e se voltou para a verificação das ações dos participantes, levando em conta o espaço e sua estrutura física, observando-se a maneira de agir, a forma de falar e as interações entre os participantes e entre eles e o objeto de conhecimento em tela. Esses aspectos foram registrados através de anotações descritivas e reflexivas.

No caso da entrevista, esta foi do tipo semiestruturada que, segundo May (2004), tem um caráter aberto, ou seja, o entrevistado responde às perguntas considerando a sua realidade, mas o pesquisador não perde de vista o seu foco. No caso do presente trabalho, a entrevista teve por objetivo identificar os aspectos de satisfação/insatisfação do professor/aluno na relação com o objeto de conhecimento, do professor com os alunos, do aluno com os seus pares, e de ambos com as questões pedagógicas. Foram realizadas entrevistas com a professora e com quatro alunos, que representam 10% da turma. Utilizamos três critérios para escolha dos alunos a serem entrevistados: participação em sala de aula, relacionamento com os colegas e com a professora, e interação com o objeto de conhecimento.

No caso da entrevista com a professora, esta foi composta pelas seguintes dimensões: informações pessoais do professor, (in)satisfação em relação ao objeto de conhecimento que ensina e a interação com os alunos, em sala de aula, considerando os

fatores da sua prática pedagógica que interferem nessa (in)satisfação. Quanto à entrevista realizada com os alunos, esta foi composta das seguintes dimensões: informações pessoais dos alunos, (in)satisfação com os conteúdos trabalhados em sala de aula

A entrevista com a professora aconteceu na biblioteca da escola e teve duração de aproximadamente uma hora e meia. Com os alunos, aconteceu durante o horário da aula, mas fora da sala, com a permissão da professora. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas em protocolos individuais.

Para a análise dos dados, utilizamos o procedimento de Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2006, p.04), que é definido por ele como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Este procedimento é realizado em três etapas, a saber: a pré-análise, que é a etapa da organização e tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento da pesquisa; a segunda etapa é a exploração do material e consiste na operação de analisar o texto sistematicamente em função das categorias formadas anteriormente; e, por fim, a terceira e última etapa que se caracteriza pelo tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação que consistem nos resultados brutos.

No que se refere a esta pesquisa, inicialmente, realizamos um recorte das observações, correspondendo aos objetivos de análise, com o propósito de identificar as interações entre o professor/aluno e objeto de conhecimento em sala de aula. Em seguida, realizamos a leitura das entrevistas com a organização dos aspectos temáticos presentes nas falas dos participantes. Por fim, realizamos a descrição dos resultados encontrados nas observações e no discurso dos entrevistados estabelecendo ligações com o aporte teórico proveniente da revisão de literatura. Nesse processo, duas temáticas foram elaboradas: (i) “Fatores que promovem a (in)satisfação do professor/aluno em sala de aula”; (ii) “Afetividade na relação professor/aluno e objeto de conhecimento”, discutidos posteriormente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa secção, primeiramente, será apresentado o contexto escolar, fazendo uma breve descrição sobre a sala de aula observada, juntamente com o perfil da professora e dos alunos, e, depois, a discussão das temáticas elaboradas a partir da Análise de Conteúdo Temática sobre a (in)satisfação e afetividade nas relações professor/alunos e objeto de conhecimento.

4.1 Contexto escolar e Perfis da professora e dos alunos investigados

A Escola de Referência onde foi realizada a pesquisa fica localizada em uma comunidade carente do bairro do Recife, sendo criada estrategicamente na tentativa de diminuir o índice de violência sofrido pela comunidade. Oferece para seus alunos uma excelente estrutura e infraestrutura, como, por exemplo, sala de áudio-vídeo, aulas de robótica, sala de informática, reforço escolar, horta, aulas de judô, dança, refeitório e também ambientes adaptados para receber alunos com necessidades educacionais especiais. A sala de aula observada é composta por quarenta alunos, todos moradores da comunidade onde a escola está inserida. Pela grande concentração de alunos, a sala de aula torna-se bastante barulhenta, dificultando o trabalho pedagógico.

A professora participante tem formação inicial em pedagogia, com pós-graduação em gestão educacional em espaço escolar e não escolar. Leciona a disciplina de Língua Portuguesa há sete anos e há cinco anos vem trabalhando com turmas do 6º ano. Os quatro alunos entrevistados da turma na qual a professora atualmente leciona são da mesma idade, 11 anos. O aluno 1 iniciou os estudos na escola este ano, sempre teve aprovação em todos os anos de ensino e a disciplina que mais gosta é matemática; o aluno 2 também foi matriculado na escola este ano, enquanto o aluno 4 está na escola há um ano, e ambos já foram retidos em anos anteriores; o aluno 3 sempre estudou na escola e nunca repetiu de ano. Os alunos 2, 3 e 4 informaram que a disciplina que mais gostam é língua portuguesa.

4.2 Temáticas: o sentido das interações em sala de aula

Fatores que promovem a (in)satisfação do professor/aluno em sala de aula

No decorrer da pesquisa, identificamos que existem alguns fatores a serem atribuídos à (in)satisfação do professor e do aluno. Podemos mencionar que para a professora

investigada os fatores de satisfação estão relacionados à escolha da profissão como fator fundamental para favorecer a aprendizagem do objeto de conhecimento que ensina, como também aos recursos didáticos utilizados em sala de aula. Já os fatores de insatisfação, de acordo com a perspectiva dessa professora, referem-se à prova como instrumento avaliativo. Esses aspectos podem ser identificados no extrato de diálogo a seguir.

E: O que levou você a escolha desta profissão?

P: Eu não escolhi esta profissão, o que aconteceu foi que fiz a matrícula errada, mas com o passar do tempo fui me apaixonando e não me arrependo.

E: O que menos lhe satisfaz da atividade que realiza em sala de aula?

P: As provas, pois para mim a avaliação é contínua. Além de uma grande quantidade de alunos numa mesma sala dificultando para que o trabalho aconteça com êxito.

Entrevistadora (E): O que lhe parece satisfatório no processo da disciplina que leciona?

Professora (P): Os recursos, pois junto a eles consigo atingir os objetivos propostos [...]

Entrevistadora (E): De quais recursos a senhora fala?

Professora(P): Uma vez por mês gosto de fazer um trabalho diferente, trazer os alunos para sala de áudio e vídeo, laboratório de informática.

Com isso, podemos identificar que a escolha da profissão não foi oriunda de uma tomada de decisão conscientemente planejada, mas que o “erro” inicial levou-a a um processo de identificação com o curso e com o campo de atuação, compreendido como possibilidade de favorecer a formação humana de outras gerações, gerando, conseqüentemente, satisfação com a vida (NERTHER; DAVIS, 1983), como demonstra o relato que segue.

E: Você se sente realizado profissionalmente?

P: Com certeza.

E: Por quê?

P: Pois a cada dia que passa, vejo um pouco do meu legado nos meus alunos.

Por outro lado, dentro desse contexto de possível desenvolvimento humano, considera a prova como um fator de insatisfação, talvez, pelo fato de lidar com o produto e não com o processo de aprendizagem dos alunos. Deste modo, busca contornar essa insatisfação a partir da escolha de um processo avaliativo processual, realizando diferentes atividades em sala de aula com o objetivo de construir uma nota ou conceito final. Porém, talvez por uma questão burocrática, a pontuação de cada atividade passa a ser o foco de sua

atenção em detrimento da aprendizagem e do desenvolvimento dos alunos. Algo que pode ser observado no extrato de diário de observação relatado a seguir.

[...] a professora pergunta se os alunos trouxeram a atividade da carta pedida ao término do filme, junto com o resumo que a entrega ficou combinada para este dia. Muitos alunos informaram que não tinham feito, e ela mandou que fizessem naquela hora, pois as duas atividades juntas valeriam 5 pontos na avaliação. [...] **(Extrato de observação, em 14/05/2015).**

A professora também afirma que outro fator de satisfação em sala de aula estaria relacionado ao uso de recursos didáticos diferenciados. Porém, foi observado que as aulas ministradas por ela têm o foco no livro didático e que, em geral, as aulas seguem uma mesma sequência: explicação dos conteúdos em uma linguagem próxima à linguagem utilizada pelos alunos, seguida do pedido para que os alunos respondam às atividades existentes no livro, enfatizando a fixação do conteúdo, como mostra um dos exemplos de recortes de observação realizado em sala de aula.

[...] após a explicação, ela pediu para que eles fizessem os exercícios das páginas 73 e 74 do livro Português ‘Para Viver Juntos’, 6º ano, mas, antes de responder às questões, eles teriam que ler o texto da página 72. A professora faz a chamada através de seu próprio celular, no momento em que os alunos estão respondendo a tarefa, ou seja, na metade da aula. Após um tempo, perguntou se já tinham terminado a atividade. Quem estivesse terminado, teria que levar o caderno para ela dar o visto. **(Extrato de observação, em 08/05/2015).**

Coerente com a noção de que pode contribuir para o desenvolvimento de gerações futuras, a professora assume a ideia de que o uso de diferentes recursos poderia favorecer outro tipo de interação professor-aluno em sala de aula e, conseqüentemente, a produção de novos conhecimentos fundamentados na autonomia dos estudantes. Porém, enfatiza o livro didático como a principal ferramenta de sua atuação, talvez por ser esta a mais conhecida e a que mais teria controle sobre o seu uso em sala de aula. Apesar dessa preferência pelo livro didático, foi possível verificar a proposta de atividades complementares, como, por exemplo: o uso de cópias de outros textos para ampliar a compreensão de determinado assunto e a exibição de filme, a exemplo do “Cartas para Deus”.

[...] ao terminar o filme, a professora explica a história do filme e o que eles devem fazer. A primeira atividade é um resumo do filme, a segunda atividade seria uma carta para Deus, mas que seria entregue a ela e, nesta carta, deveria constar os seus desejos, sonhos. **(Extrato de observação, em 04/05/2015).**

Com isto, identificamos que a professora utiliza-se dos recursos didáticos para fazer a mediação com o objeto de conhecimento realizado em sala de aula, mas que este processo termina valorando a avaliação enquanto produto materializado em pontos a ser transformado em notas, dentro de uma rotina que se mostra pouco flexível ou rígida.

Porém, os alunos demonstram pelo, movimento corporal que exibem em sala, que as aulas poderiam ter uma rotina mais dinâmica do que aquelas vivenciadas apenas com o livro didático ou pelas atividades de cópia para que um clima de interesse e motivação pudesse ser criado, como podemos verificar no extrato de observação que segue.

[...] os alunos só conversavam e brincavam muito, como se a professora não estivesse em sala de aula. Enquanto escrevia no quadro alguns exemplos, os alunos levantavam da cadeira para brincar com o outro colega. Para acabar com esta atitude, a professora gritava, com um tom de reclamação, de ‘advertência’, na intenção de chamar atenção dos alunos para fazer silêncio e prestar atenção na sua fala. [...] **(Extrato de observação, em 08/05/2015).**

Além disso, os alunos investigados relatam que não sentem motivação com a rotina vivenciada em sala de aula, demonstrando insatisfação na interação com os conteúdos trabalhados, com o objeto de conhecimento lecionado pela professora, a qual é gerada pela repetição, pelo muito do mesmo e, portanto, pela inexistência de um contexto que permita a criatividade.

Entrevistadora (E): O que menos lhe faz bem em sala de aula?

Aluno 1(A1): Texto direto ninguém gosta.

Aluno 2(A2): Escrever

Aluno 3(A3): As mesmas coisas (referindo-se às repetições)

Outro aluno investigado, o **A4**, por sua vez, verbaliza que se sente insatisfeito com as “brigas” que acontecem entre os pares em sala de aula, ressaltando as relações interpessoais positivas como um fator importante do sentimento de bem-estar vivido por aqueles que contribuem para a constituição do contexto de aprendizagem que é a sala de aula. Algo que reconhece como insatisfatório na realidade que vivencia.

[...] na hora que a professora está verificando o caderno de um aluno, outro aluno agrediu verbalmente o amigo, desrespeitando-o na frente na professora e todos os colegas de classe. Ela respondeu: “procure ser um homem direito, pois isso não é atitude de um homem”, e continua a dar o visto no caderno [...] (**Extrato de observação, em 15/05/2015**).

A relação professor/aluno e objeto de conhecimento é um ponto forte no processo pedagógico, interferindo na insatisfação dos alunos e no comportamento em sala de aula. Relação essa que pode ser configurada como uma relação recíproca, destacando-se o papel do professor e do aluno como sujeitos que ensinam e aprendem. Quando o professor está realizado profissionalmente, pode tornar suas aulas dinâmicas, oferecendo satisfação para seus alunos sobre o que esta sendo aprendido, mantendo um vínculo afetivo entre professor/aluno e objeto de conhecimento. Esta relação também está ligada à realização profissional, como acontece com a professora investigada.

Como salientado anteriormente, a realização profissional se dá na compreensão da professora de poder promover a realização humana, sendo apresentada como um aspecto positivo, pois o prazer, a dedicação e a felicidade fazem com que haja a satisfação do profissional (ESTRELA, 1997). A professora sente prazer quando vê seus alunos ampliando seus conhecimentos, tornando-se seres independentes. Desta forma, sentindo-se realizada e satisfeita com seu trabalho, como afirmam Pedro e Peixoto (2006), a atuação da professora reflete diretamente no interesse dos alunos em sala de aula e dialeticamente reverbera em sua atuação e sentimento de realização:

E: Você gosta da atividade que exerce em sala de aula?

P: Sim. Pois é uma atividade rica de aprendizagem para o educando e para o educador.

E: Da atividade que realiza em sala de aula o que mais lhe satisfaz?

P: Entre algumas atividades propostas, fico satisfeita quando percebo que meus alunos estão tendo prazer em aprender.

Assim, a professora ao exercer sua atividade, considera que a aprendizagem é uma via de mão dupla que pode propiciar ao aluno capacidade de pensar, refletir e discutir, considerando-o como sujeito ativo na construção do objeto de conhecimento a ser trabalhado em sala de aula. Neste caso, ela busca proporcionar essa condição a partir de um clima de confiança em que o conhecimento do outro é respeitado e considerado nas respostas às questões lançadas em sala de aula e que como revela **A4** o satisfaz, uma vez que consegue “compreender o assunto [porque] está relacionando com o meu dia-a-dia”. E, como afirma

Wallon (1949/2007), o professor tem o papel importante nesse processo, já que é ele quem possibilita e media as interações dos alunos entre si e deles com os objetos de conhecimento.

Observa-se também que a professora coloca o fator motivação como desencadeador da satisfação em exercer a sua função de educadora, demonstrando, então, que nesta interação, há o desejo de quem ensina e quem aprende, ocorrendo uma relação afetiva. Como afirmam Kumar e Mutha (1978), a (in) satisfação docente influencia no desenvolvimento dos alunos em sala de aula, ou seja, se temos professores satisfeitos, teremos ações refletidas nos alunos no despertar do interesse em querer aprender considerando as suas subjetividades e suas prioridades, como afirma **A2** ao ressaltar que se satisfaz ao “Estudar para ser alguém na vida”.

Afetividades na relação professor/aluno e objeto de conhecimento

Nesta temática, abordaremos a afetividade na relação professora/aluno e objeto de conhecimento, mapeando as interações existentes na sala de aula investigada. Podemos destacar que entre as observações realizadas, identificamos o empenho da professora para tornar acessível à compreensão dos temas focados em cada aula a partir do destaque dado ao universo das vivências ou experiências prévias dos seus alunos, favorecendo a mediação entre estes e o objeto de conhecimento, como se observa no extrato de observação que se segue.

[...] ao chegar da sala de aula, a professora pede que os alunos abram o livro na página 75 e passa a falar sobre os adjetivos, explicando que ele é que dá qualidade ao substantivo, dando exemplos, como, quando você diz Rebeca é bonita. Rebeca é o substantivo e Bonita é o adjetivo, pois Bonita está dando qualidade a Rebeca. **(Extrato de observação, em 15/05/2015).**

Verificamos que a professora, a partir, especialmente, do uso do livro didático, realiza a mediação entre os alunos e o objeto de conhecimento utilizando-se de duas principais estratégias: a de relacionar os assuntos com os aspectos do dia a dia e a de criar situações em que a imaginação aparece como a fonte da aprendizagem. E é essa maneira de a professora fazer a mediação que favorece, aos olhos de **A4**, a satisfação nas situações vividas em sala de aula, como ele afirma: “[o que me satisfaz] *É a forma que ela explica os assuntos*”. Algo que pode condicionar positivamente toda a sua história futura de relação com

os diferentes conteúdos estudados, já que essa mediação é vivenciada por **A4** de forma satisfatória e com prazer (LEITE, 2006).

Assim, a professora busca aproximar os alunos do objeto de conhecimento que ensina de modo a fazê-los lidar com os obstáculos próprios ao processo de aprendizagem, reconhecendo, também, a necessidade de constantes intervenções e apoio dos colegas de classe que têm mais facilidade em apreender o tema em estudo para promover o alcance dos objetivos propostos, como mostram os extratos de observação a seguir:

[...] a professora fez pergunta a uma aluna sobre o que o texto trouxe para ela de novidade e sobre qual foi a palavra que lhe chamou atenção e por que. A aluna ficou meio sem jeito de responder, mas com calma respondeu: - “Nunca escutei essa palavra ‘antagonismos’”. Depois, a professora explicou o sentido que a palavra tem na frase e o sentido dela sozinha. Posteriormente, dirigiu-se a outros alunos e fez a mesma pergunta. Por fim, ela fez o ditado de palavras e disse que os alunos podiam verificar o significado das palavras no dicionário e trazer para ela no caderno. [...] **(Extrato de observação, em 22/05/2015).**

[...] os alunos que terminaram a tarefa e que receberam o visto poderiam ficar sentados em sua banca sem fazer nada, enquanto os outros terminavam. Uma aluna tenta ajudar a um grupo de alunas que se encontram com dificuldades para responder, ou que estavam com preguiça de ler. Este grupo recebe a ajuda com bastante atenção, alguns esperam pela resposta pronta, outros tentam construir com a instrução da professora e da aluna que já tinha terminado a sua tarefa [...] **(Extrato de observação, em 08/05/2015).**

A partir desses extratos é possível observar um tipo de interação entre a professora e seu alunado que expressa preocupação, em especial, com aqueles que apresentam dificuldades ou um ritmo mais lento em apreender o conteúdo ensinado; e que se busca atenuar através da ajuda mútua. Nesse movimento, ressaltamos a importância das relações entre os sujeitos para a construção de cada um e para a promoção da aprendizagem, já que, nessas situações, estabelece-se a relação entre as dimensões afetiva e cognitiva (WALLON, 1949/2007). Isto se confirma no poder de mediação do educador, que é uma condição essencial no desenvolvimento da relação afetiva, a qual se alterna constantemente, podendo oscilar em extremos que vão desde os sentimentos de ódio e paixão à aproximação e afastamento, apresentados pelo educador, em relação ao objeto de conhecimento (LEITE, 2006).

Verificamos também que os alunos, como é o caso de **A1** e **A4**, embora, em geral, utilizando respostas concisas, expressam manter uma relação afetiva positiva com a professora e com o objeto de conhecimento que ela leciona:

E: Como se sente na relação com os conteúdos de Português?

A1: [acho] Interessante.

E: O que seria interessante para você?

A1: E interessante só.

[...]

E: Como se sente na relação com os conteúdos de Português?

A4: Sinto-me muito bem, porque gosto dos assuntos.

Embora **A1** e **A4** ressaltem que vivenciem experiências positivas na relação com o objeto de conhecimento que a professora investigada leciona, demonstrando satisfação, o **A2** confessa que se sente capaz de concentrar a sua atenção no momento da exposição do conteúdo por parte da professora, mas não parece significar, em termos de sentimento, no nível da sensibilidade, a sua relação com os conteúdos aprendidos na aula de Língua Portuguesa, aparentando um afastamento da situação de aprendizagem ou um envolvimento parcial, um envolvimento apenas com “a cabeça”, com a cognição (WALLON, 1949/2007). Já **A3**, identifica em si mesma um mal-estar e insatisfação vivida pela dificuldade que sente em estabelecer uma relação intelectual positiva com o objeto de conhecimento em destaque, o que parece atribuir a uma limitação intrínseca a si mesma e não estabelecida nas relações de ensino e aprendizado, como se verifica nos recortes de diálogo a seguir.

E: Como se sente na relação com os conteúdos de Português?

A2: Nada.

E: Você não sente nada em relação aos conteúdos?

A2: Está bom! Sinto-me ligado. Tipo, presto atenção na aula.

[...]

E: Como se sente na relação com os conteúdos de Português?

A3: Perdida, porque tem algumas coisas que não entram na minha cabeça.

De acordo com Leite (2006), a afetividade pode ser tanto positiva quanto negativa, dependendo da relação que o professor tem com seus alunos e objeto de conhecimento. A maneira como o professor se comporta em sala de aula, através de seus sentimentos, intenções, desejos e valores, afeta os seus alunos, mobilizando-os afetivamente, em geral, pela esfera do contágio propiciado pela emoção. O modo como realiza a abordagem do conteúdo e se relaciona com o aluno faz toda diferença, sendo necessários o respeito, a

amizade e a compreensão ao longo desse processo que é o ensinar e o aprender. (SANTOS, 2006), para que o aluno o tome e o vivencie como situação de satisfação, como afirma **A1**:

E: Das situações de sala de aula proporcionadas pelo professor da disciplina de Português o que mais lhe satisfaz?

A1: Respeito.

[...]

E: Das situações de sala de aula proporcionadas pelo professor da disciplina de Português o que mais lhe satisfaz?

A2: As perguntas.

Notamos, deste modo, que **A1** vivencia o clima de sala de aula como um contexto de acolhimento, o qual, talvez, seja assim significado pela postura apresentada pela professora em considerar as respostas dados pela turma, sem tom de crítica ou de descaso, como no caso da aluna, descrito acima (**Extrato de observação de 22/05/2015**), que explicitou, a partir da pergunta da professora, a sua dúvida a respeito da palavra “antagonismo”, sendo atendida em sua demanda de explicação. Da mesma forma, **A2** revela que o que mais gosta ou lhe satisfaz em sala de aula é o fato de a professora dar voz aos alunos, permitindo que respondam, que expressem o que sabem a partir de perguntas que ela elabora, em um clima não ameaçador, em que a avaliação se faz como processo, entendido mais como momento de aprendizagem do que como momento de “prova”.

Na entrevista, a professora nos informa que procura desenvolver uma didática que privilegie as vivências, o cotidiano dos alunos, buscando sempre “capacitações” e se atualizando para que o aprendizado fique mais prazeroso, tanto para o aluno como para o professor, como ela mesma afirma:

E: Que relação mantém com a disciplina que leciona?

P: Mantenho uma relação de professora pesquisadora, pois gosto de trazer os assuntos para nosso dia-a-dia.

E: Por quê?

P: Porque estou sempre me atualizando, buscando inovações, participando de capacitações e formação continuada.

Apesar disto, como já discutido, durante as observações realizadas, verificou-se que a professora se utilizou, em geral, da aula expositiva com foco no livro didático e nos exercícios, como se apresenta no extrato de observação que se segue, mas, ao mesmo tempo, mediada por perguntas genuínas, com pretensão de saber algo novo, como é lembrado por **A2**.

[...] a professora começa a copiar no quadro e avisa aos alunos para copiarem, pois o assunto tem no livro na página 78, mas não está bem explicado. Durante o momento em que os alunos tiram do quadro, a conversa continua, atrapalhando alguns alunos que estão concentrados. A professora reclama avisando que quando terminar vai começar a explicar e quem estava brincando vai acabar perdendo a explicação. [...] (**Extrato de observação, em 21/05/2015**).

Se a mediação pelas perguntas e acolhimento das respostas dadas pelos alunos em sala de aula promove satisfação, o foco no livro didático e nos exercícios, bem como a maneira utilizada pela professora para oferecer explicação, por outro lado, é motivo de insatisfação na relação do aluno com o objeto de conhecimento, mediada pela professora, como confessam dois dos alunos entrevistados:

E: O que menos lhe satisfaz dessas situações vividas em sala de aula no aprendizado e no conteúdo de Português?

A2: - Os exercícios feitos na sala.

[...]

E: O que menos lhe satisfaz dessas situações vividas em sala de aula no aprendizado e no conteúdo de Português?

A3: A forma que a professora explica os assuntos, não entendo.

A identificação com a disciplina tanto por parte do professor como por parte do aluno é um fator primordial para que surja interesse e satisfação em ensinar e aprender (TASSIONI, 2006). Porém, esse processo de identificação dependerá das histórias e experiências tecidas por cada um em particular, como demonstram os dados desta pesquisa, visto que, se a explicação da professora pautada nas vivências dos alunos e nas respostas as suas dúvidas, pode gerar satisfação e acolhimento para uns, como salienta **A2**; para outros pode produzir mal-estar e afastamento do objeto de conhecimento pela má compreensão do conteúdo, como expresso por **A3**. Além disso, a insatisfação vivida em sala de aula pode ir além das relações unicamente com o objeto de conhecimento ou estar ligada àquilo que impede que essa relação aconteça de maneira mais adequada ou suficiente, como exprime o **A4** ao falar que “A bagunça em sala de aula [lhe] faz não compreender o assunto direito”, sendo este o fator que menos lhe satisfaz das situações vividas em sala de aula.

As dificuldades dos alunos com a disciplina podem levá-los a se distanciarem do objeto de ensino, ocasionando a falta de participação, brincadeira e conversas no momento em que os assuntos estão sendo trabalhados e, portanto, impossibilitando a aprendizagem. E isto é

compreendido pela professora que explicita a sua crença de que o que menos favorece a satisfação dos alunos com a disciplina que leciona, são “As dificuldades que o aluno apresenta diante da matéria”. Porém, ao não explicitar como essas dificuldades seriam construídas, parece acreditar que elas se estabelecem como algo inerente ao aluno, deixando de refletir sobre o fato de que o professor também é responsável pela dificuldade ou não do aluno com a disciplina e que a didática que ele utiliza é um fator primordial para o despertar do desejo dos alunos sobre o objeto de conhecimento que leciona (LEITE, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo geral desta pesquisa, ou seja, analisar os fatores de (in)satisfação do professor e do aluno na interação com o objeto de conhecimento que é ensinado e aprendido, foi possível observar como é importante manter uma relação de satisfação e afetividade com o objeto de conhecimento a ser trabalhado em sala de aula, pois os vínculos afetivos interferem nas decisões dos docentes para promover a aprendizagem dos alunos.

A sala de aula é um espaço de convívio diário entre educadores e educandos, onde o sujeito aprende e se envolve ativamente no processo de ensino-aprendizagem por meio das interações sociais que mantém uns com os outros e com os objetos do conhecimento. Entretanto, o resultado positivo dessa construção dependerá, principalmente, da qualidade dessas relações (LEITE, 2006)

A partir das observações e entrevistas realizadas neste, estudo, foi possível perceber relações afetivas positivas e negativas entre professor-aluno-objeto de conhecimento, como, por exemplo, o sentimento de acolhimento pelo modo como a professora explica os conteúdos e a má compreensão do assunto provocada pela bagunça em sala de aula, respectivamente; visto que a afetividade é um fenômeno que perpassa todo e qualquer processo de ensino e aprendizagem (WALLON, 1949/2007)

Observamos que os fatores de satisfação indicados pela educadora referem-se à escolha da profissão, aos recursos utilizados para alcançar o objetivo proposto e ao desenvolvimento pessoal do seu alunado. E para os educandos, a satisfação em sala de aula emerge do modo como a mediação do objeto de conhecimento é realizada (a partir de perguntas, por exemplo) e do respeito demonstrado pela docente. Já os fatores que geram a insatisfação da docente dizem respeito às provas como instrumento de avaliação, pois, para

ela, isto dificulta o êxito do seu trabalho; e, para os estudantes, a agitação em sala de aula e a dificuldade encontrada para a resolução dos exercícios são tomados como fatores de insatisfação. Esses resultados remetem ao postulado de Kumar e Mutha (1978), que defendem que a (in)satisfação dos docentes influencia positiva ou negativamente no desempenho dos alunos.

Para trabalhos futuros, sugerimos um aprofundamento a fim de conhecer mais fatores que favorecem uma relação de (in)satisfação do professor com o objeto de conhecimento que ensina. Ou a realização de uma investigação sobre as dificuldades de aprendizagens dos alunos, levando em consideração a didática do professor utilizada para solucionar essas dificuldades, uma vez que a didática é um dos fatores de (in)satisfação.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. 2006 (Obra original publicada em 1977).
- DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**: In: DE LA TAILLE, Ives. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão (p, 85). São Paulo: Summus, 1992.
- ESTRELA, M. T. **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, Coleção Ciências da Educação. 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. p.161. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- Formação inicial e continuada de professores - Unesp. Acessado em: 20 de dezembro de 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. [s.l.]: Atlas, 1995.
- Gonçalves, Á. A. **Satisfação profissional dos enfermeiros especialistas**. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra.1995
- Kumar, P., & Mutha, D.N. **Standardization of a job satisfaction questionnaire for teachers**. Social Sciences Research Journal, 3 (3), 85-89. 1978.
- LEITE , Sergio Antonio da Silva. **Afetividade e Praticas Pedagógicas**, (p. 312), Casa do Psicólogo. 2006.

MARTINEZ, Maria Carmen. **As relações entre a satisfação entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador.** São Paulo, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social – teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

Nerther, W.B., & Davis, K. **Administração de pessoal e recursos humanos.** São Paulo: Mc Graw Hill. 1983.

JESUS, S. N.; MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **Impacto da formação contínua no bem-estar de professores.** Iberpsicologia, Lisboa-Portugal. 2005. <<http://fs-orientate.filos.ucm.es/publicaciones/iberpsicologia/lisboa/jesus2/jesus2.htm>>. Acesso em 20 de novembro de 2015

PEDRO, N.; PEIXOTO, F. **Satisfação profissional e auto-estima em professores dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico.** *Análise Psicológica*. [online]. vol. 24, nº 2 [citado 26 Setembro 2006], p. 247-262. Retirado a 4 de Outubro de 2006.1 em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 de janeiro de 2015.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP. 2000.

VELTHUIS, Cleidi Lange; FERREIRA, Cristina, **A Valorização da Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem, In: Revista de divulgação técnico-científica do IPC,** v. 2, n. 7, 2004, p. 139-142.

Wallon, H. **A Evolução Psicológica da Criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.